

AS DURAS PENAS

Livro 61

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



FECHAR POR DENTRO

Vou-me fechar por dentro, fechar as comportas, tirar as chaves, livrar-me dos acessos, dos pronunciamentos, das abordagens, das estafas, das emoções contidas, das estupidezes, das almas fúteis. Vou-me livrar dos sem-sentido, dos sem-afetos, dos sem-sonhos. Vou ficar quieto, economizando perplexidades, ânimo e decepções.



CANTO CANÇÕES ENCOMENDADAS

Canto canções encomendadas, utilizo alguns ultrapassados encantos que já não alcançam cumprir sua missão. Acabo prisioneiro dessa luta.

Novos trajetos se desenham para que minha disponibilidade cansada escoe, torne-se ordem do dia, aderida como um desejo permitido. Insisto, subestimo a resistência, de adversário me faço cúmplice, desarrumo a ordem que a culpa promove sempre que desejo. Faço uma tentativa de me animar, de aprender a dizer-me o que sei que preciso ouvir.

MUDANÇA DE REGRAS

Discreto e permanente mantenho vigente uma diminuição da minha tolerância em relação ao que alguns estranhos querem que eu aceite como autêntico e meu. Razões valiosas entram em jogo quando alguém muda as regras sem aviso prévio: ou se trata de sequestro, apropriação descarada ou invasão de território.



CADA DIA

Cada dia que passa a violência chega mais perto de mim, mora ao lado, dois andares acima, na esquina, no ônibus, no Banco, no comércio, nos impostos. Cada dia a violência é mais banal e fria, sai dos pequenos delitos e se instala nos governos, nas finanças, nos bares, dentro das garrafas, no pó do idiota que aspira, na erva dos que queimam. A violência embarca no carro que atropela, nos giros que capotam, na afirmação adulterada e no alimento processado. A violência que me cerca desobedece a todas as recomendações.

CAVALO DE PAU

Minhas façanhas imaginadas são quase reais. Não esperem de mim grandes declarações, apenas restauro as funções da criança e jogo com pequenas invenções, com preciosos descartes de antes, viajo com os olhos e me encontro com o cavalo de pau a minha espera, no mesmo pátio onde o deixei. Ponho a mão no tempo e ele me retorna à vida.



AMISTOSOS

É agradável encontrar-me novamente em um ambiente amistoso, sem animosidades, sem aquela gente que insiste em projetar em mim suas incompetências.

ESQUECI-ME

Esqueci-me que podia ler, ocultar os livros, fechar os olhos, parar de olhar e não mais ver. Necessitado de um anjo da guarda, levantei a cortina para que a luz alcançasse a totalidade do ambiente, e as ideias voavam saindo da cabeça em direção ao futuro, reparei que elas deixavam de ser indecisas para seguras se enfiar no caminho, nos jardins, nos álamos de Rosaver, no primeiro aperto de mãos que saudassem o novo dia.



O TEMPO

O tempo deixa suas marcas oxidando a vida, dia a dia uma nova desvantagem exigindo peripécias na minha incapacidade adaptativa.

A BEIRA DO PASSADO

Salvo um quê de suavidade, todo o resto é violência. Não sei onde descansar esta minha aflição de não ver a vitória do gozo. A dor emudece meu suspiro, transformado em silenciosa tristeza, idêntica a todas as outras derivadas da morte e da decepção. Esgotado, abandono as saudades, esqueço que as tive, que as criei, que as vivi. Desfeita a memória, sempre me perco na calmaria, nela exalo a morte, a inutilidade, me revelo incapaz de enviar flores.



ALMA CALADA

Há, entretanto, algo que pode parecer insincero. Atividades parasitárias se ocupam de fazer-me admitir obediência, exigem que eu aceite sua opinião inteira, oferecidamente dirigida. Temo que minha alma se afaste de mim, se infiltre lentamente como ocultamento. Tenho a dignidade ferida cujas bordas invisíveis fogem da consciência, vez por outra incomodando, insistente, porém não sai dali. Minha alma nem sempre informa ao meu corpo suas perdas imediatas, suas dores por contágio.

NADA A DECLARAR

Nada a declarar quando me estiro a dormir sem sonhos. Fico o riso lamentado dos humilhados, e, quando me disfarce, sou conduzido ao campo solitário de um ninho que já não me abriga. Fica entendido que não consigo esquecer as ofensas inoportunas, que me apanham desprevenido, apunhalando-me durante o abraço. Uma dívida antiga sustenta uma das minhas culpas. Entre explicações, uma ou outra se avizinha, sem que nenhuma me faça crer na isenção. Elas brincam comigo, me mostram o já vivido, quantas coisas perdidas. O resto está escondido pelo esquecimento, recolhido em algum lugar à beira do passado, pedindo-me que lhe deixe em paz em seu lugar.



A CADA DIA

A cada dia, por precaução anulo o voto, espero sinais de benevolência, que não roubem a paz, que

guardem segredos. Espero uma nova civilização, o dinheiro valendo somente seu valor declarado, espero bondades abundantes, palavras articuladas, abraços sinceros, compromissos cumpridos, livros úteis, as portas abertas, rios de água cristalina, e que me proponha um tema que me interesse.



ABUNDÂNCIAS

Ainda estão por vir as abundâncias e o tormentos, as ciladas, os ciclos, o acolhimento, o encanto. Não me pertence entrar nesse futuro sem imaginação. Tento um lugar motivado, comovido, espero amor fértil, fundo, farto alimento derramado e abundante.

FALO COM GESTOS

Falo com gestos o que não posso dizer e não devo com palavras, eles me guiam nas tensões, não é preciso inventar novas formas de dizer a verdade.



AGUARDO

Aguardo um momento propício para salvaguardar-me o espanto. Tento ajustar no foro íntimo uma tolerância esgotada que, insistente ainda fecunda advertências. Não aprendi de memória se o que me confunde é a lembrança rarefeita ou o propositado esquecimento que colabora, apaga, inutiliza o que eu pensava como coisas minhas.

SEM ÂNCORA

Sem âncora, quero entrar em uma aventura para disputar outros caminhos. Um instante depois, entro livremente, apagando as recordações para ver crescer um sutil segredo. A convicção, porém, é efêmera. Um desespero me arrebatou a paciência e afunda minha triste convicção.



A FALTA DE DURABILIDADE

O que me parece um descobrimento acaba sendo a renovação de algumas especulações. Não tenho meio para o apoio. Cada vez que me aproximo ao tema, uma humildade benigna me obriga a descrever e tolerar a falta de durabilidade.

DESERÇÃO

Evito uma fuga que favoreça a deserção da alma.



CAOS E IMPUNIDADE

Busco uma alternativa que não seja conformista, uma resposta singular que me afaste da servidão, não aceito celebrar a ignorância que se alimenta da arte do vazio, das ficções, dos espetáculos animadores da dependência do consumismo. Esta existência me é estranha, renova as dores, os vazios, o futuro sombrio. A vida se torna pesada, um caos fundado na impunidade.

A INCULTURA PREMIADA

As injustiças me fazem perder a delicadeza. A sórdida mentira, o falso testemunho, a traição banalizada, a incultura premiada, a burrice homenageada, são administradas como valores iluminados pela “sabedoria das opiniões”, protegidas por fracas interpretações que sustentam aos maus motivos.



FAZ MUITO

Faz muito, uma paz imperturbável, adversária, nada solidária, desmonta minha vontade de sair. Aposentada, a fonte dos prazeres fica desligada dos fervores humanos expressando um olhar que se recusa a recolher dos vestígios diários de aparição da vida.

RADICAL ANTÍDOTO

Admiráveis condições se reapresentam pedindo algo de prático, alguma ternura pura, desinteressada, ligando-me a um viver radical antídoto da supressão das inspirações.



TODOS MEUS DESERTOS

Meu corpo me afirma que não cabe, nele se desperta o amor confessando interesses principais com generosas intensidades. Polemizando prioridades minha inspiração ocupa todos meus desertos.

OUTRAS VERTENTES

Na memória me salvo repetido sustentado por gentis vias que carregam as saudades e outras vertentes alimentadoras de gentes.



ALUNOS

Dias intensos nos avisavam: preparar-nos para um retrocesso, ali, onde autorizados mestres nos ensinariam a “ser ninguém”. Reduzidos a obedientes, seríamos elogiados como uma casta. Ao final, teríamos um imenso orgulho pelos diplomas e medalhas exibidos. Nenhum de nós saberia, a cada ano, qual voz discursaria permanentemente, sem haver ouvido nunca a nossa voz.

PRÁTICAS PORTADORAS

Emprego práticas portadoras de procriações em geral, anuladores de solidão tomam tais formas somente em tempos de epidemia, quando a saudade toma esta forma de expressão, esperando agradar, confesso as paixões que levo dentro.



TEMPO DE INOCÊNCIA

Minhas recordações servem unicamente para despertarem na minha alma motivações que consigo carreguem predisposições, orientando-me a um tempo de inocência civilizada e prestigiada.

NARRO O VERÍDICO

Narro o verídico, sem sombras de dúvidas, narrado com inusitada fidelidade. A vida tem sido teatro de muitos acontecimentos. Embora não tenha registro algum me outorgo o direito de solicitar aceitação, até prova em contrário. Indiferente a outros destinos, faço do papel sua residência definitiva, lugar das solitárias memórias que como querências abundam ao meu redor.



IMPRECISÃO

A imprecisão que regem as questões aqui levantadas, mais que por formalidade, apresenta o olhar desviado a escuta interceptada, o interlocutor desvalido.

OLHARES INFORMANTES

Olhares informantes avisam-me do perigo das fraudes. Conquistando territórios as fraudes passam disfarçadas de vantagens. A origem da ficção transporta poderosos convencimentos. Transitórios, lancinantes, impõem a significação, a surpresa e o desconcerto.



NOVAS VERSÕES

Busco novas versões, novos critérios pertenço a outra nacionalidade que pisa as fronteiras, habita o chão dos humanos.



SIMULO

Simulo no real disfarçando de ficção todo querer adiado, guardado, omitido, escapado.

TIVE O ENCARGO

Tive o encargo de reparar uma tosca compreensão do mundo. Acreditei que os iletrados não pensavam, que os analfabetos eram sem cultura. Conheço eruditos sem solução e acadêmicos sem humanidades.



A DESORDEM

A desordem que respiro, o ar que acomodo, o molde que queima-roupa, os índices de consternação. Traço metas com o máximo respeito ao próximo seguimento da vida; infindável recomeço.

RAIVAS

Sou invadido por raivas clandestinas sempre que invasoras intimidades pulam os muros para sentarem ao meu lado. Misturadas no cotidiano que se resiste a renunciá-las, as raivas mesquinhas reinam eternizadas negando todas as fragilidades.



A DESISTÊNCIA

A desistência ocupou o lugar entre meu rosto e o espelho, nos olhos havia rugas ocupando a alegria usada para abrir as portas e esfriar as dores familiares.

ACATO

Acato os gritos vazios, todas as sombras aborrecidas, todos os cantos pedindo lágrimas, tudo o que não posso dizer. Calo afrontado pela tristeza de tantas faltas acumuladas.



AS DURAS PENAS

As duras penas me preparam para esquecer, convidam-me às memórias mais sensíveis, adoçam a ilusão inventando-me ser o senhor de todas as coisas.



TENTO FUGIR

Alimento interlocutores inventados com a intenção de disfarçar os medos de ser flagrado. Tento fugir do tédio depositado no meu território.

QUE SE ABRAM

Que se abram aos carinhos, vertam-se as almas, se sustentem as novidades, avancem para organizar lembranças. Que se abram os amores que adotem tudo o que valha a pena.



NÃO TENHO MEIOS

Não tenho meios para sustentar todas as vezes que abordo a questão, uma humildade me força a descrever a falta de durabilidade.

AS SOMAS

As somas cada vez mais escassas oscilam ver-te entre a versão e a diversão. Pouco importa dizer sobre essas coisas do prazer e do sofrer. Faço recomendações sem êxito. Decido extrapolar, me cansa a sensatez, desconvido o resto dos meus dias, de alimentar-te como desgastado personagem.



CADA DIA

Cada dia me reinvento com sérias intenções de parar, estou mais só de quando comecei, aparto as queixas, faço uma revisão do ar, da luz, do paladar, dos ruídos inúteis e acessórios, dos inventários falhos, dos direitos despojados, da paciência esgotada para a estupidez e a ignorância.

O MESMO

Seguirei fazendo o mesmo, esta será uma maneira de lembrar-me das coisas comuns, um abraço, depois irei dormir, amanhã sigo preparando um número enorme de livros para publicar em data incerta, depois lhes farei saber. Carinhos fraternos para todos aqueles que me mantém vivo em suas memórias.



PERDIDO GOZO

Olho o perdido gozo. A alma tenta tornar suave a maior agonia. Administro como posso esse sentir que se alastra em mim ultrapassando meu sossego, subtraindo os últimos recursos da prudência. Adquiri o hábito de me calar.

PODIA

Podia permanecer ocultado o sórdido final de lentos e constantes olhares de agonia. Seria mais fácil se fosse um amor passageiro. A decepção repetida golpeia, sustenta o sofrimento e o ódio atrevido.



TENTO

Tento parar-me, atraindo minha decepção para outro lugar onde existam dores recíprocas, amores partilhados, sorrisos amigos, mãos e abraços serenos espontaneamente dirigidos.



Roberto Curi Hallal

